

## A educação popular e libertária na formação musical antirracista promovida por culturas afro-brasileiras do Nordeste

### Comunicação

*Luis Ricardo Silva Queiroz*  
*Universidade Federal da Paraíba*  
*luisrsqueiroz@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho tem como foco a análise e compreensão de processos de práxis musical e formação em música promovidos por grupos e comunidades afro-brasileiras do Nordeste do país. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como esses grupos têm utilizado perspectivas e estratégias para a formação em música com vistas à promoção da aprendizagem, à ressignificação de suas práxis musicais, à consciência racial e à transformação cultural das suas comunidades e da sociedade em geral. O trabalho analisa ainda como essa realidade pode dialogar com diretrizes para a formação institucionalizada em música no país. O estudo é fundamentado nas perspectivas teóricas de Paulo Freire acerca da educação popular e da pedagogia crítica, bem como em pesquisas e estudos atuais sobre o racismo no Brasil, a colonialidade na educação formal em música no país e os caminhos para a proposição de práxis formativo-musicais comprometidas com a ética e a justiça social. A pesquisa é de natureza qualitativa e tem como suporte metodológico uma abordagem etnográfica, que abrange: pesquisa documental, observação participante, entrevistas, gravações de áudio, filmagens, fotografias e etnografia virtual. O estudo traz uma contribuição importante para a compreensão de práticas e ações de formação em música em comunidades afro-brasileiras do Nordeste, refletindo sobre como essas manifestações têm definido e desenvolvido práxis musicais e educativo-musicais com vistas à promoção da consciência racial e de uma práxis cultural antirracista, tanto nos seus contextos locais quando em contextos mais abrangentes da sociedade.

**Palavras-chave:** culturas musicais afro-brasileiras, racismo estruturado, formação musical antirracista



## Introdução

Este trabalho imerge em práticas musicais de grupos e comunidades afro-brasileiras do Nordeste do país, com vistas à compreensão de como a música, nesse universo, tem se constituído como elemento catalizador em processos de formação de identidades, de consciência racial e de reação a imposições e exclusões historicamente consolidadas no Brasil. Em diálogo com uma produção de conhecimento crescente no cenário nacional, que tem como foco tanto a música das culturas afro-brasileiras quando a constatação e reação ao racismo estrutural instituído, este estudo se insere no âmbito de uma mudança paradigmática no cerne das pesquisas sobre essa temática. Mudança essa que visa transcender a constatação do racismo e suas múltiplas formas de manifestação na sociedade, com vistas a compreender, sistematizar e propor perspectivas e ações para superar essa realidade e estabelecer uma nova configuração social.

O trabalho tem como base teórica perspectivas da educação popular e da pedagogia crítica de Paulo Freire, bem como constatações, evidências e proposições da literatura especializada sobre o racismo estrutural no Brasil e as culturas musicais afro-brasileiras. Além disso, concepções, constatações e perspectivas acerca da formação em música em múltiplos contextos na contemporaneidade, são transversais às bases epistemológicas que dão suporte à pesquisa.

## **Educação popular e pedagogias críticas: perspectivas para a construção de práticas de formação em música**

A pesquisa aqui analisada tem como suporte teórico as perspectivas de educação popular e pedagogia crítica de Paulo Freire (FREIRE, 1987, 1992, 2000, 2001). Na visão do autor, a educação deve ser um processo construído com o povo, com os oprimidos e com as classes populares. Assim, a educação popular está vinculada à concepção de uma formação libertadora. Uma educação que oriente a construção do conhecimento e, também, a formação e o compromisso político e ético, promovendo nas pessoas, e com as pessoas, uma nova consciência social e um compromisso com a transformação do mundo para melhor. A educação popular é fundamentalmente centrada na relação entre conscientização e libertação, ou seja, como um processo de desconstrução coletiva de "mitos" e do



"irracionalismo" que a sociedade cria em torno dos seus problemas, a fim de potencializar as aspirações dos oprimidos (FREIRE, 1987, p. 93).

Nas perspectivas de Paulo Freire, uma educação como práxis libertária, permite colocar em ação formas diferentes de pensar e estratégias autônomas de análise e de construção do pensamento. Assim, é possível tornar o ser humano mais do que um simples espectador que, como tal, tende a ficar “acomodado às prescrições alheias que dolorosamente ainda julga serem opções suas.” (FREIRE, 2001, p. 54–55).

Uma educação libertária, nesse sentido, promove a consciência política das pessoas, permitindo a elas, sobretudo as que vivem em estado de opressão e exclusão, a capacidade de perceber essa condição de dominado/excluído, de expressar sua insatisfação com essa realidade e de encontrar estratégias para redefinir seu lugar na sociedade. Nessa mesma perspectiva, uma educação musical popular está comprometida com a construção de práxis musicais e de formação em música que sejam críticas, que promovam uma consciência coletiva das pessoas envolvidas no processo educacional e que conduza seus participantes a iniciativas e ações que, com a música e por meio dela, possam gerar transformações expressivas na sociedade. Transformações que emergem da conscientização e da formação de pessoas de maneira contextualizada com as nuances da vida concreta.

Nessa perspectiva de formação, “conscientizar não significa, de nenhum modo, ideologizar ou propor palavras de ordem. Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão.” (WEFFORT, 2001, p. 20). E são as situações de opressão que, uma vez percebidas pelos agentes imersos em tal realidade, a educação popular busca efetivamente romper. Uma ruptura para estabelecer uma nova ordem e um lugar mais justo e democrático para os diferentes sujeitos sociais.

Todavia, pensando especificamente no campo da música, podemos constatar que, por um lado, essa perspectiva educacional ainda não alcançou espaço e projeção expressivos na educação formal, pois como evidenciam diversas pesquisas na atualidade, o ensino musical institucionalizado no país continua demasiadamente pautado nos parâmetros de formação da música erudita/clássica/de concerto da Europa do passado (PENNA; SOBREIRA, 2020; PEREIRA, 2020; QUEIROZ, 2017, 2020b). Por outro lado, como também constata estudos



atuais, perspectivas alinhadas aos ideais da educação popular e libertária vêm sendo crescentemente absorvidas por práxis musicais dos movimentos sociais e de diversas comunidades brasileiras (ARAUJO; MEMBROS DO GRUPO MUSICULTURA, 2006; LÜHNING, 2014; MOSCAL, 2010), a exemplo das que compõem o universo de estudo desta pesquisa.

Esse processo tem reagido ao esmagamento de pessoas e grupos historicamente oprimidos, rompendo com a lógica ainda hegemônica das instituições de ensino e dos lugares mais privilegiados da sociedade. Todavia, mesmo com os avanços alcançados:

Infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem [ser humano] simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam. (FREIRE, 2001, p. 53)

É sob esse prisma que, diante da trajetória de exclusões e epistemicídios musicais que marcam a sociedade brasileira (QUEIROZ, Luis Ricardo Silva, 2017b, a), diferentes grupos sociais têm encontrado na educação popular e na pedagogia crítica uma forma de transformação do mundo. E nesse contexto, a formação musical tem ganhado força como agente catalizador de uma educação transformadora. Uma educação musical popular que, articulada a outras dimensões, possa gerar as transformações que precisamos e queremos ver no mundo. Uma educação que entende o seu papel e a sua relevância, pois “[...] se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2000, p. 67).

A consistência das propostas de Paulo Freire e sua contextualização com as nuances da sociedade brasileira fazem de suas ideias bastante atuais e pertinentes para análises como as propostas neste trabalho. As perspectivas freireanas vêm sendo reafirmadas e têm ganhado singularidades para a compreensão de práxis educacionais diversas na contemporaneidade, no Brasil e no exterior (ARONOWITZ, 2009; CHALAUNE, 2021; GIROUX, 2010). A pedagogia crítica é vital, considerando que ela "envolve tanto o reconhecimento de que a vida humana é condicionada, não determinada, quanto a necessidade crucial de não apenas ler o mundo criticamente, mas também de intervir na ordem social mais ampla como



parte da responsabilidade de um cidadão informado.”<sup>1</sup> (GIROUX, 2010, p. 716, tradução minha).

## **O racismo estrutural no Brasil e a opressão das culturas musicais afro-Brasileiras**

As pesquisas acerca da trajetória de exclusões e subalternidades de pessoas negras no Brasil avançaram consideravelmente desde a segunda metade do século XX e vêm denunciando o racismo estrutural instituído no país e suas consequências (ALMEIDA, 2014; ARAÚJO, 2019; CAMPOS, 2017; GOMES, 2018; GUIMARÃES, 2004). Nessa conjuntura, como já mencionado anteriormente, há uma mudança paradigmática em curso, que visa transcender a constatação do racismo estrutural para se inserir de fato na construção de estratégias e ações antirracistas, com vistas a romper com esse nefasto aspecto social (GOMES, 2018). Essa é a perspectiva instituída nas práxis formativo-musicais dos grupos contemplados por esta pesquisa.

O racismo estrutural é um fenômeno constituído pela construção de pilares sociais que privilegiam algumas raças em detrimento das outras. No Brasil, isso implica um profundo privilégio dos brancos. Privilégio que foi institucionalizado e estruturado nas bases da sociedade, em detrimento de pessoas negras e indígenas, que foram historicamente subalternizadas. Nas definições de Silvio de Almeida “o racismo é sempre estrutural. É [...] um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.” (ALMEIDA, 2019, p. 20). Assim, o racismo estrutural representa a norma instituída na ordem social e não simplesmente um fenômeno isolado ou casual de alguns indivíduos ou grupos sociais específicos.

Embora o racismo esteja no Brasil, de alguma forma, relacionado a exclusões e preconceitos que emergem da cor da pele de pessoas negras, e às leituras que sobre elas recaem ou lhes são impostas, os pilares do racismo estrutural são de ordem política, social e cultural, e não de natureza biológica. O racismo se constitui de algo mais profundo que é

---

<sup>1</sup> “[...] involves both the recognition that human life is conditioned, not determined and the crucial necessity of not only reading the world critically but also intervening in the larger social order as part of the responsibility of an informed citizenry.”



transversal à trajetória dos povos africanos e da diáspora. Ele se dá pelos processos de violências físicas e simbólicas que fizeram das pessoas negras “vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas [...]” (MUNANGA, 2009, p. 20).

Essa é uma realidade fortemente estruturada no processo de institucionalização da música no país, como evidenciam os trabalhos de Queiroz (QUEIROZ, 2015, 2017b, 2019, 2020b, 2023). No contexto da educação superior em música, por exemplo, o racismo estrutural e os epistemicídios musicais decorrentes excluíram tantos os saberes e conhecimentos das culturas afro-brasileiras dos seus currículos, como expulsaram historicamente pessoas pretas dos seus quadros de estudantes e docentes (QUEIROZ, 2023).

Dentro da mudança paradigmática destacada anteriormente, insere-se hoje uma série de movimentos organizados, constituídos por pesquisadores, professores, artistas e pessoas em geral que são adeptas ao movimento negro e antirracista. Comunidades afro-brasileiras e grupos diversos que as compõem têm incorporado e trabalhado, cada vez mais, perspectivas de uma educação popular e libertária, nos princípios de Paulo Freire, evidenciados anteriormente, com foco em conscientizar, dar voz e tornar as pessoas negras libertas do racismo estrutural e preparadas para lutar contra ele. Para Nilma Lino Gomes, “[...] a luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra são processos complexos, desafiadores e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente.” (GOMES, 2018, p. 113).

No cenário nacional, há uma produção crescente de pessoas negras, que têm sua formação e atuação no campo da música, contribuindo para a consolidação de um pensamento afrodiaspórico contextualizado com os diversos problemas que a escravidão e o racismo estrutural causaram no campo da música no Brasil (BATISTA; NASCIMENTO; SANTOS; COSTA; SILVA, 2021; QUEIROZ, Renato, 2020). Essa produção tem, também, evidenciado as potencialidades e o impactos que a riqueza da cultura afro-brasileira tem construído no Brasil, bem como destacado a emergência de um pensamento afrodiaspórico decorrente desse universo (SANTOS; SODRÉ; SANTOS, 2022). Vale salientar, também, que diversos estudos e ações decorrentes desse contexto trazem proposições efetivas para o campo da música,



sobretudo o institucionalizado, a fim de superar o racismo estrutural instituído e consolidar um contexto musical e educativo musical fundamentalmente antirracista. (BATISTA, 2018; CARVALHO, 2023; SANTOS; SODRÉ; SANTOS, 2022; SOUZA, 2020).

É com essa consciência que comunidades afro-brasileiras em todo o Brasil têm cotidianamente estruturado a sua luta para desestruturar o racismo instituído. A música é parte expressiva desse movimento e catalizadora de processos de formação para a liberdade. Mas, apesar de todos os avanços, compreender as singularidades de ações antirracistas e fortalecê-las no âmbito da sociedade é ainda uma necessidade premente no Brasil, pois como afirma Nilma Lino Gomes:

Para quem luta cotidianamente contra o racismo, os tempos sempre foram de incerteza diante da capacidade de a sociedade brasileira rever a si mesma e jogar fora o seu racismo. Uma sociedade que esconde e guarda o racismo atrás do discurso da democracia racial, da mestiçagem, da diversidade, mas, que sempre o revela publicamente quanto mais se acirram os tempos de recrudescimento da direita e da onda neoconservadora. Quanto mais a democracia é colocada em risco. (GOMES, 2018, p. 114)

Essa é a percepção das comunidades e dos grupos afro-brasileiros que compõem o universo de estudo desta pesquisa. Assim, os pilares da educação libertária popular e das pedagogias críticas são hoje, nas comunidades estudadas, mecanismos eficientes de ações antirracistas. Conhecer esses movimentos, bem como as situações, processos e estratégias de formação em música que os caracterizam, permite não só mergulhar na riqueza e na diversidade da formação desse universo de educação musical popular, como também possibilita avançar em reflexões e proposições que podem levar a construções antirracistas na educação formal em música no país.

## **Dimensões metodológicas da pesquisa**

A etnografia foi a base metodológica para a pesquisa realizada, considerando que o estudo proposto exigiu uma imersão acurada nas maneiras particulares com que comunidades afro-brasileiras têm estruturado suas práxis musicais e desenvolvido uma formação antirracista em música. Assim, a fim de alcançar o objetivo da pesquisa, as dimensões teóricas e técnicas da etnografia deram suporte à imersão, compreensão, interpretação e



compreensão das culturas musicais estudadas (BARZ; COOLEY, 2008; QUEIROZ; MARINHO, 2017; GEERTZ, 1973; INGOLD, 2014).

Desde a década de 1990, a introdução e desenvolvimento da Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*) e a extensão dos espaços virtuais promovida pelas tecnologias contemporâneas tiveram um impacto sem precedentes sobre diversos aspectos da vida humana, incluindo a educação, a música, a pesquisa e, conseqüentemente, as estratégias utilizadas para a realização de etnografias (KOZINETS, 2015; 2002; HINE, 2000).

Levando em consideração essa realidade, este projeto de pesquisa foi realizado em duas comunidades negras brasileiras com base em uma etnografia que abrange tanto o trabalho de campo presencial quanto a produção de dados via uma etnografia virtual. Embora a abordagem da pesquisa já previa uma combinação de estratégias metodológicas de pesquisa presencial e virtual, a partir de março de 2020, essa última ganhou mais evidência no projeto de pesquisa, devido à necessidade de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19.

Sob essas perspectivas, a pesquisa etnográfica realizada nas duas comunidades pesquisadas abrangeu os seguintes procedimentos de produção/coleta de informações/dados:

- Observação participante em apresentações musicais, oficinas, reuniões, aulas, palestras, mesas redondas e outras atividades musicais e educativo-musicais;
- Entrevistas narrativas com os(as) líderes das práticas musicais das comunidades;
- Entrevistas semiestruturadas com praticantes de música das comunidades;
- Gravação de vídeo e fotografia de apresentações musicais e atividades de educação musical;
- Coleta de dados on-line, interação e conversas informais nas mídias sociais do grupo;
- Pesquisa documental online em sites, revistas, reportagens e outras fontes digitais com informações sobre as comunidades e suas atividades musicais.



## Educação Musical Popular em duas Comunidades Negras do Nordeste do Brasil

Como resultado da pesquisa, analiso, a partir desta parte do trabalho, características da educação musical popular em dois grupos musicais afro-brasileiros de duas comunidades do Nordeste. Essas expressões sintetizam bem diversas características que constituem a formação em música no contexto de comunidades negras do Brasil, especialmente na região Nordeste do país.

### Coco de Roda e Ciranda no Novo Quilombo

Novo Quilombo é uma comunidade quilombola do estado da Paraíba. As comunidades quilombolas são assentamentos em áreas rurais, inicialmente estabelecidos por escravizados que fugiam de seus cativeiros. Portanto, as pessoas que ali vivem são, em geral, descendentes de pessoas escravizadas. No Brasil, as terras quilombolas oficiais são áreas preservadas e protegidas pelo governo.

“Coco de Roda” e “Ciranda” são as práticas musicais de maior destaque historicamente realizadas na comunidade. Geralmente são praticadas em festas, comemorações locais ou quaisquer outras apresentações públicas. Essas expressões culturais englobam música e dança de forma indissociável. Para saber um pouco sobre a performance “Coco de Roda” e “Ciranda” do “Novo Quilombo”, confira os vídeos aqui linkados: [vídeo 1](#) e [vídeo 2](#).

### Afoxé Ará Omim no bairro Vasco da Gama em Recife

Afoxé é uma prática musical afro-brasileira criada no Brasil desde, pelo menos, o século XIX, a partir de religiões e heranças afro-brasileiras como um todo. Consequentemente, os traços musicais do Afoxé (instrumentos, ritmo, canções, letras, estética da voz, dança e vestimentas) incorporaram influências e características de diferentes expressões musicais da diáspora africana. Historicamente, sua atuação musical é crítica e engajada em movimentos negros e iniciativas antirracistas.

O Afoxé Ará Omim é um Grupo Afoxé do Vasco da Gama, um bairro negro periférico da cidade do Recife. Em sua música, o Afoxé Ará Omim combina ancestralidade, visão positiva

do povo negro e crítica social sobre escravidão, racismo e exclusão de comunidades negras e marginalizadas no país. Para Lourival Santos, Presidente do Grupo: “Ará Omim é uma extensão da comunidade, da religião, da ancestralidade, da resistência negra e social” (Santos, 2019). Uma amostra da performance musical do Afoxé Ará Omim está disponível neste vídeo etnográfico: [vídeo 3](#)

### **Educação musical popular nas duas comunidades pesquisadas**

A educação musical nessas comunidades é fundamentalmente um ato de amor e, também, uma revolução, como proposto por Freire (1994, 2005a, 2005b). Para a Mestre Ana, liderança do Coco de Roda e da Ciranda do Novo Quilombo:

*Nos divertimos muito cantando, tocando e dançando. Nós vivemos e amamos nossa música e cultura. Mas quando e onde estivermos tocando, estamos denunciando a escravidão, combatendo o preconceito e mostrando a beleza do nosso povo e da nossa cultura. (Mestra Ana, 2019).*

Nesta mesma perspectiva, falando sobre a religião afro-brasileira, o Presidente do Afoxé Ará Omim enfatiza: “as pessoas tinham visões horríveis de nossa religiosidade. Diziam os nomes mais terríveis. Isso só nos motivou, ainda mais, a continuar e mostrar o quão lindo é o nosso axé.” (Santos, 2019).

As experiências etnográficas e os resultados da pesquisa mostram que a educação musical popular baseada nas singularidades de cada comunidade, nesses contextos culturais, é uma forma de manter vivas suas tradições; uma estratégia de ressignificação e atualização de suas práticas e vínculos sociais; um compromisso educacional com a formação de pessoas baseada na ancestralidade e o vigor da cultura negra; e um esforço vital para construir consciência racial e resistência cultural.

### **Objetivos da educação musical**

Todo o ensino e aprendizagem de música nessas comunidades se concentra, de forma indissociável: na aquisição de habilidades musicais (tocar, cantar e dançar); na compreensão dos significados e dos sentidos de suas apresentações musicais culturais; na celebração e incorporação de sua ancestralidade a suas práticas musicais; e no conhecimento, questionamento e reação ao racismo estrutural na atualidade.

*Ensinamos nossa música para ensinar nossa história, lutas e resistência.”  
(Mestra Ana, 2020)*

*Aprender a cantar, tocar e dançar é fundamental. Mas o objetivo do ensino de música que promovemos é desenvolver habilidades musicais integradas à promoção da consciência racial e da resistência cultural. (Lourival, 2020).*

Esses objetivos estão interligados indissociavelmente a um grande conjunto de atividades pedagógicas. Mesmo quando o foco é uma habilidade musical baseada na performance, o conceito geral e as perspectivas críticas da educação musical popular fazem parte do objetivo da aprendizagem musical.

### **Conhecimentos e saberes educativo-musical**

Nesse contexto cultural, a música é um fenômeno definido por um conceito amplo que engloba habilidades técnicas, aspectos sonoros e estéticos, coreografias, histórias e trajetórias do povo negro, consciência cultural e atitudes de resistência. Esse conjunto de conhecimentos e saberes amplos e transversais se desdobram em vários outros subtemas, que são trabalhados em diversas atividades musicais e culturais.

É importante mencionar que, independentemente do foco pedagógico central, todas as atividades devem incluir uma educação musical crítica e antirracista. Isso implica que, todos os conhecimentos e saberes (musical, social e cultural) são transversais e interrelacionados.

*Se você quer aprender a tocar um tambor, você pode. Porém, vamos te ensinar a tocar com base nos nossos princípios, na negritude, nas nossas estratégias de usar a música para nos expressarmos e combatermos o racismo. (Santos, 2019).*

*Sempre deixamos evidente que nossa música celebra nossa história e é uma forma de resistência. Então, mesmo quando você tem uma música que fala sobre uma história engraçada ou uma brincadeira, por exemplo, o contexto é sempre um manifesto para manter nossa cultura viva. Então quem quer brincar ‘Coco de Roda’ e ‘Ciranda’ precisa conhecer também a nossa cultura. (Mestra Ana, 2019).*

### **Estratégias e atividades educativas**

Para atingir os objetivos da educação musical que praticam e trabalhar os conhecimentos e saberes fundamentais para suas comunidades, esses grupos têm



desenvolvido um amplo conjunto de atividades e ações pedagógicas, como apresentado a seguir:

- **Performances** – são práticas musicais realizadas localmente, que contribuem para que as pessoas aprendam e pratiquem as músicas típicas das manifestações. Esse conjunto de vivências musicais é uma importante estratégia educativa que acontece em eventos promovidos pela comunidade. Nestes eventos, o público em geral, principalmente crianças e jovens, pode vivenciar a música na prática. Assim, por meio de uma pedagogia integrativa, fazendo música, os participantes podem aprender as nuances do mundo musical/cultural/social nesse contexto.

*A Festa do Coco funciona como tudo. É uma oficina, uma sala de aula, uma sala de exposições e um espaço de performance. Geralmente, é na Festa do Coco que acontece o aprendizado musical e cultural. (Mestra Ana, 2019).*

- **Aulas** – envolvem um conjunto recorrente e mais duradouro de aulas de música, ministradas, em geral, na própria comunidade. As aulas têm focos variáveis, abrangendo elementos mais amplos da performance musical, habilidades instrumentais, dança e canto afro-brasileiros, entre outros aspectos dessa natureza. Os participantes são principalmente pessoas da comunidade (FIG. 1). As aulas, associadas às demais ações, são estratégias essenciais para fortalecer o conhecimento racial, cultural e musical. Por isso, os membros das comunidades as consideram parte das ações fundamentais para manterem os seus patrimônios musicais vivos, dinâmicos e atualizados.

**Figura 1:** Atividades realizadas durante aulas ministradas por membros do Coco de Roda e Cirando do Novo Quilombo





Fonte: <https://www.facebook.com/cocoderodanovoquilombo>

- **Oficinas** – são como aulas, porém menos contínuas. Podem ser realizadas durante algumas horas, por um ou dois dias, em um evento específico, sem uma sequência ou continuidade programadas. Essas atividades são realizadas em espaços públicos dentro ou fora da comunidade (praças, parques e ruas), escolas públicas e privadas, espaços culturais (salas de teatro, bibliotecas etc.). As oficinas estão entre as atividades mais populares de educação musical, por abranger pessoas em geral, inclusive aquelas que não são membros ou fazem parte das comunidades.

*Estamos trabalhando constantemente em uma escola local aqui, engajados em atividades para ensinar nossa cultura. Temos um grupo de crianças que já canta, dança e toca “Coco de Roda” a partir das nossas oficinas integradas ao ensino escolar.” (Mestra Ana, 2019).*

- **Palestras e mesas-redondas** – são atividades pontuais em eventos promovidos pelas comunidades ou por outros grupos e organizações. Essas práticas focam em temas e discussões relacionados à necessidade de conscientização racial e alternativas para reagir ao racismo estrutural e suas consequências. Por exemplo, em evento promovido pela Casa de Cultura e pelo Afoxé Ará Omim, a mesa-redonda “Arte Educação como Processo de Resistência e Conscientização” (FIG. 2), discutiu como a celebração de uma data colonial (o dia da abolição), reforça preconceitos e estereótipos em todo o

país. Ao longo da discussão, houve muita ênfase sobre como as práticas musicais do grupo podem desenvolver a consciência racial e resistência cultural para superar o que é considerado uma perspectiva limitada sobre o povo negro e a sua cultura.

**Figura 2:** Atividades culturais promovidas pela Casa de Cultura de Recife e o Grupo Afoxé Ará Omin.

## Grupo de afoxé Ará Omim oferece oficinas na Casa da Cultura com projeto “Povo das Águas”

Iniciativa oferecerá aulas de dança e percussão, além de apresentações culturais. Evento mensal segue até maio do ano que vem, sempre aos sábados e com entrada gratuita

Postado em: [Espaços culturais | Formação Cultural](#)  
12/09/2019



Divulgação



Projeto ocorrerá todos os meses, sempre aos sábados, com entrada gratuita

Fonte:

<http://www.cultura.pe.gov.br/canal/espacosculturais/grupo-de-afoxe-ara-omim-oferece-oficinas-na-casa-da-cultura-com-projeto-povo-das-aguas/>

## Conclusão

Os resultados da pesquisa mostram que as práticas de educação musical popular nessas comunidades promovem o combate ao racismo e à exclusão. Além disso, concentram-se no fortalecimento da resistência cultural e na construção de agendas positivas para as pessoas negras e a sua cultura. Assim, os objetivos, o conhecimento e a práxis pedagógica

musical abrangem vários aspectos da música como expressão sonora: ritmo, melodia, performance vocal, habilidades instrumentais e dança. Esses aspectos sonoro-musicais integrados à consciência de justiça social constituem um sistema educacional complexo e abrangente. Essa perspectiva dá suporte à educação musical popular nessas comunidades para promover suas identidades, denunciar e combater o racismo e construir um mundo melhor para as comunidades negras na sociedade brasileira.

Essas comunidades realizam suas práticas e educação musicais a partir de um conceito amplo, entendendo a música, o ensino e a aprendizagem como fenômenos culturais alargados. Nesse contexto, a música e a educação musical popular são uma forma de celebrar a ancestralidade, uma estratégia de união e fortalecimento de laços coletivos, uma base para promover a educação racial e étnica, um apoio para promover a ação política e várias outras estratégias para fortalecer a consciência racial e a resistência cultural. Como sugerem as perspectivas educacionais conceituadas por Paulo Freire, a educação musical nesse contexto cultural é uma práxis revolucionária e, simultaneamente, um ato sensível de amor.



## Referências

ALMEIDA, Silvio De. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Magali da Silva. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, v. 12, n. 34, p. 131–154, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/15086>>. Acesso em: 23 nov 2023.

ARAÚJO, Danielle Pereira De. “Inclusão com mérito” e as facetas do racismo institucional nas universidades estaduais de São Paulo. *Revista Direito e Práxis*, v. 10, n. 3, p. 2182–2213, Set 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2179-89662019000302182&lng=en&nrm=iso&tling=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2179-89662019000302182&lng=en&nrm=iso&tling=pt)>. Acesso em: 28 jun 2023.

ARAUJO, Samuel; MEMBROS DO GRUPO MUSICULTURA. A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro. *TRANS - Revista Transcultural de Música*, n. 10, 2006. Disponível em: <<https://www.sibetrans.com/trans/articulo/148/a-violencia-como-conceito-na-pesquisa-musical-reflexoes-sobre-uma-experiencia-dialogica-na-mare-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 19 fev 2023.

ARONOWITZ, Stanley. Foreword. In: MACRINE, S. L. (Org.). *Critical Pedagogy in Uncertain Times: hope and possibilities*. New York: Palgrave Macmillan, 2009. .

BARZ, Gregory F.; COOLEY, Timothy J. (Org.). *Shadows in the Field: New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. 2 edition ed. New York: Oxford University Press, 2008.

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. *Orfeu*, v. 3, n. 2, p. 111–135, 19 Dez 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018111>>. Acesso em: 3 out 2023.

BATISTA, Leonardo Moraes; NASCIMENTO, Thamara Collares do; SANTOS, Danilo Cunha de Jesus dos; COSTA, Acsa Braga; SILVA, Victor Hugo Costa Cantuaria da. Juventude Negra na pegada da transgressão como prática de liberdade: perspectivas e abordagens etnomusicológicas. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 9, n. 1, p. 123–149, 29 Jun 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/19325>>. Acesso em: 3 out 2023.

CAMPOS, Luiz Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 95, 2017. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-69092017000300503&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69092017000300503&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 29 jun 2023.

CARVALHO, José Jorge De. Encontro dos saberes e descolonização: para uma reformulação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (Org.). *Decolonialidade e pensamentos afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 79–106.

CHALAUNE , Bhawan Singh. Paulo Freire's Critical Pedagogy in Educational Transformation. *International Journal of Research - GRANTHAALAYAH*, v. 9, n. 4, p. 1–9, 2021. Disponível em: <<https://www.granthaalayahpublication.org/journals/index.php/granthaalayah/article/view/3813/3778>>.

CLIFFORD GEERTZ. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, Inc., 1973.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROUX, Henry A. Rethinking Education as the Practice of Freedom: Paulo Freire and the promise of critical pedagogy. *Policy Futures in Education*, v. 8, n. 6, p. 715–721, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 26, p. 111–124, 2018.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, p. 9–43, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 27 jun 2020.

HINE, C. *Virtual ethnography*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 2000.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 1, p. 383–395, 2014. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.14318/hau4.1.021>>. Acesso em: 21 mar 2020.

KOZINETTS, Robert . *Netnography: Redefined*. London: SAGE, 2015.



KOZINETS, Robert V. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. *Journal of Marketing Research*, v. 39, n. 1, p. 61- 72., 2002. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1509/jmkr.39.1.61.18935>>.

LÜHNING, Angela. Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais. *Música em Perspectiva*, v. 7, n. 2, p. 7–25, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/41501/25451>>. Acesso em: 24 mar 2020.

MOSCAL, Janaina. De luta, inspiração e amor: a música no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. *Música e Cultura: Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia*, v. 5, n. 1, p. 1–10, 2010. Disponível em: <<http://www.abet.mus.br/musicaecultura/>>. Acesso em: 14 jun 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PENNA, Maura; SOBREIRA, Silvia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. *OPUS*, v. 26, n. 3, p. 1–25, 22 Dez 2020. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2611>>. Acesso em: 1 mar 2021.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Ensino superior em Música, colonialidade e currículos. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO*, v. 25, p. 1–24, 2020.

QUEIROZ, Rafael Pinto Ferreira De. *Fogo nos racistas! Epistemologias negras para ler, ver e ouvir a música afrodiaspórica*. 2020. 275 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40511>>.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Afro-Brazilian Culture in Higher Music Education: Analyses from a Trajectory of Exclusions and Epistemicides. In: , 2020, . . Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2021. p. . (Texto completo em pdf). In: INTERNATIONAL SEMINAR OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR MUSIC EDUCATION RESEARCH COMMISSION, 2020a, Jyväskylä. Anais... Jyväskylä: ISME/University of Jyväskylä, 2020. p. 215–228.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, v. 1, n. 10, p. 153–199, 2020b. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/index>>.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Cânones da educação superior em música no Brasil e faces da colonialidade no século XXI. In: XXIV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2019, Campo Grande. Anais... Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_congresso/v3/index.html](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v3/index.html)>. Acesso em: 29 fev 2020.



QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Currículos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais. In: BEINEKE, V. (Org.). *Educação musical: diálogos insurgentes*. São Paulo: Hucitec Editora, 2023. p. 191–241.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS*, v. 23, n. 45, p. 99–124, 2017a. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5076>>. Acesso em: 28 out 2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Há diversidade(s) em música: reflexões para uma educação musical intercultural. In: SILVA, H. L. DA; ZILLE, J. A. B. (Org.). *Música e educação*. Série Diálogos com o Som. Barbacena: EdUEMG, 2015. p. 197–215. Disponível em: <<http://educamusical.org/musica-e-educacao-serie-dialogos-com-o-som/>>.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, v. 25, n. 39, p. 132–159, 2017b. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/download/726/501>>.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Educação musical e etnomusicologia: lentes interpretativas para a compreensão da formação musical na cultura popular. *Opus*, v. 23, n. 2, p. 62–88, 2017. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/477>>. Acesso em: 24 out 2019.

SANTOS, Eurides; SODRÉ, Luan; SANTOS, Marcos (Org.). *Música e pensamento afrodiaspórico*. Diálogos Insubmissos ed. Salvador: Diálogos Insubmissos, 2022. (Série Pesquisa em Música - ANPPOM).

SOUZA, Luan Sodrê De. *Educação Musical Afrodiaspórica: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico do violão a partir dos sambas do Recôncavo baiano*. 2020. 248 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31655>>.

WEFFORT, Francisco W. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 10–34.

